Quando sou fraco, sou forte

Quando sou fraco, sou forte

Um caminho surpreendente para a realização pessoal

ANDY CROUCH

Traduzido por Estevan F. Kirschner

MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2016 por Andy Crouch
Publicado originalmente por InterVarsity Press, Downers Grove, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C958q

Crouch, Andy
Quando sou fraco, sou forte : um caminho surpreendente para a realização pessoal / Andy Crouch ; tradução Estevan F. Kirschner. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
176 p.

Tradução de: Strong and weak
ISBN 978-65-5988-116-1

1. Espiritualidade. 2. Cristianismo. 3. Vida cristã. 4. Sucesso - Aspectos religiosos. I. Kirschner, Estevan F. II. Título.

22-78110

CDD: 248.4
CDU: 27-584

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: agosto de 2022

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Ricardo Shoji

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Sumário

1. Para além da falsa escolha 7
2. Desenvolvimento pessoal 23
3. Sofrimento 44
4. Recolhimento 66
5. Exploração 84
Interlúdio: O caminho para o desenvolvimento pessoal 100
6. Vulnerabilidade oculta 105
7. Descer ao mundo dos mortos 129
8. Para o alto e à direita 147

Agradecimentos 169
Um guia para discussão 170
Notas 173

Em memória de Steve,
alegremente

1

Para além da falsa escolha

Duas perguntas assombram cada vida humana e cada comunidade de seres humanos. A primeira é: *O que deveríamos ser?* A segunda: *Por que estamos tão distantes do que deveríamos ser?*

Os seres humanos têm uma percepção inevitável de que a vida tem um propósito, e uma percepção obstinada de que não alcançamos nosso propósito. Alguma coisa não funcionou corretamente no trajeto de nos tornarmos aquilo que deveríamos ser, tanto de forma individual como coletiva.

A primeira pergunta expõe a lacuna em nosso entendimento de nós mesmos, nossa percepção incompleta de que deveríamos ser mais do que sabemos. Como é que podemos ter essa profunda percepção de propósito e, ainda assim, não ter a capacidade de nomear ou compreender esse propósito com facilidade? Mas essa é a condição humana.

A segunda pergunta expõe a lacuna entre nossas aspirações e nossas realizações, entre nossas esperanças e nossa realidade, entre nossa busca e aquilo que conseguimos alcançar. Se a primeira pergunta dá voz às maiores esperanças, a segunda traz à tona os mais profundos remorsos. Ter ao mesmo tempo grandes esperanças e grandes remorsos é também, infelizmente, a condição humana.

Neste livro eu ofereço uma maneira de responder a ambas as questões propostas. Ela é simples o bastante para explicar em um ou dois minutos de conversa, ou em uma ou duas páginas de um livro — já vai aparecer depois de algumas páginas, e

você compreenderá sua essência quase que de imediato. Você verá a resposta ativamente em suas amizades, em seu local de trabalho, em sua família e em sua série de TV ou filme favorito, e você encontrará a resposta nas páginas das Escrituras e nos momentos mais rotineiros de seu dia a dia. Você a encontrará nos mais apavorantes contextos de injustiça e exploração, e nos momentos mais inspiradores de compaixão e reconciliação.

Muitas das ideias simples são *simplistas* — elas excluem muita coisa da realidade a fim de se tornarem úteis. A ideia deste livro não é simplista, porque é um tipo especial de ideia simples, do tipo que chamamos de *paradoxo*. Ela mantém juntas duas verdades simples num relacionamento simples, mas gera tensão frutífera, complexidade e possibilidade. Passei a chamar isso de o *paradoxo do desenvolvimento pessoal*.

"Desenvolvimento pessoal" é uma maneira de responder à primeira grande pergunta, *O que deveríamos ser?* Fomos feitos a fim de nos desenvolver — não apenas sobreviver, mas crescer; não apenas existir, mas examinar e expandir. "*Gloria Dei vivens homo*", escreveu Ireneu. Uma tradução livre, mas de modo nenhum incorreta, dessas palavras se tornou popular: "A glória de Deus é um ser humano plenamente vivo". Desenvolvimento pessoal significa estar plenamente vivo. Quando lemos ou ouvimos essas palavras, algo em nós desperta, se ergue e se curva à frente com interesse. O estar plenamente vivos não nos conecta apenas com o nosso devido propósito humano, mas também com a própria estatura e profundidade da glória divina. Viver plenamente aqui esta vida transitória nesta terra frágil, de modo que participemos da glória de Deus — é isso mesmo que seria o desenvolvimento pessoal. E é para isso que fomos feitos.

Todo paradoxo requer que aceitemos duas coisas que parecem antagônicas. O paradoxo do desenvolvimento pessoal é que o verdadeiro desenvolvimento exige duas coisas que à primeira vista não parecem combinar. De fato, se você não tiver ambas as coisas, não se desenvolverá e não criará condições disso para os outros.

Este é o paradoxo: o desenvolvimento pessoal ocorre quando se é ao mesmo tempo forte e fraco.

Desenvolvimento pessoal exige que adotemos autoridade e vulnerabilidade, capacidade e fragilidade — e até mesmo, neste mundo danificado, tanto a vida como a morte.

A resposta à segunda grande pergunta, *Por que estamos tão distantes do que deveríamos ser?*, é que nos esquecemos desse paradoxo básico do desenvolvimento, que é o segredo de estar plenamente vivos. Na realidade, não nos esquecemos dele, como se o tivéssemos colocado, sem pensar, num lugar diferente. A verdade é que o suprimimos, o escondemos, fugimos dele. Simplesmente por que o tememos.

Eu costumava pensar que a coisa que mais temíamos era a vulnerabilidade, a parte expressa como "fraco" no paradoxo. No entanto, ao escrever este livro e conversar com outras pessoas a respeito do paradoxo do desenvolvimento pessoal, cheguei à conclusão de que também tememos a autoridade. A verdade é que temos medo dos dois lados do paradoxo do desenvolvimento pessoal — e, em especial, tememos combinar as duas coisas na única maneira que verdadeiramente leva à vida real, tanto para nós como para os outros.

Desenvolvimento pessoal ocorre quando se é ao mesmo tempo forte e fraco.

Este livro trata de como adotar a vida para a qual fomos feitos — a vida que acolhe o paradoxo do desenvolvimento pessoal, que busca uma maior autoridade e uma maior vulnerabilidade *ao mesmo tempo*.

Acima de tudo, porém, este livro diz respeito a um gráfico, o melhor jeito e o mais simples que conheço de explorar o paradoxo do desenvolvimento pessoal. Na realidade, é apenas um esboço, o tipo de coisa que você pode desenhar num guardanapo de papel, mas que nos dará muito o que pensar no restante deste livro (ver figura 1.1).

É uma das minhas coisas prediletas: um diagrama do tipo 2x2.

O poder do 2x2

Nada pode ser mais satisfatório para mim do que um diagrama 2x2 na hora certa. O diagrama 2x2 nos ajuda a captar a natureza do paradoxo. Quando o usamos de forma apropriada, o diagrama 2x2 pode tomar duas ideias que julgamos opostas entre si e nos mostrar como elas se complementam.

Figura 1.1

O mundo está abarrotado de falsas opções. Jim Collins e Scott Porras, autores que escrevem sobre liderança, mencionam a "tirania do OU e a genialidade do E". Será que produtos deveriam ter preço baixo *ou* alta qualidade? A quem servem os administradores, a seus investidores *ou* a seus empregados? As empresas com maior capacidade de gerar transformação incluem as duas coisas. Somos produtos de nossa natureza criada *ou* de nossa criação desde o berço? Essas coisas não se opõem — elas precisam se combinar.

O mundo do cristianismo tem suas próprias versões: A missão da igreja é a evangelização e a proclamação *ou* a justiça e sua demonstração na prática? Deveríamos ser conservadores *ou* radicais, contemplativos *ou* ativos, separados do mundo *ou* engajados nele? Ou, ainda, o assunto que quase produziu o primeiro grande diagrama 2x2 da Bíblia: A vida do cristão tem a ver com fé *ou* obras? ("Mostre-me sua fé sem obras e lhe mostrarei um diagrama 2x2 de minha fé e obras", Tiago 2.18, na minha versão do original em grego!). Então, você estará preparado para a questão mais importante: Jesus de Nazaré era humano *ou* divino? Ele era o Filho do Homem *ou* o Filho de Deus?

Em todos esses casos, aquilo de que precisamos não é de um unidimensional "ou", mas de um bidimensional "e", que nos force a ver as surpreendentes conexões entre duas coisas que pensávamos mutuamente exclusivas. E, talvez, até descubramos que ter a plenitude de uma requer que tenhamos a plenitude da outra.

Um dos melhores exemplos vem de estudos da criação eficaz de filhos — o tipo de criação que produz filhos que mostram autoconfiança e domínio próprio. O que é melhor: ser pais rigorosos e exigentes que estabelecem limites firmes,

ou pais acessíveis e participativos que interagem com seus filhos com calor humano e compaixão? Se você for um pai ou uma mãe, em que lugar dessa abrangência você deseja estar (ver figura 1.2)?

Figura 1.2

Se a questão for feita dessa maneira, a maioria dos pais se inclinará para uma ou para a outra coisa. Alguns vão mencionar Provérbios — "poupe a vara e estrague o filho" — e optarão pela firmeza (Pv 13.24). Outros vão apontar Paulo — "Pais, não tratem seus filhos de modo a irritá-los" — e preferirão o calor humano (ver Ef 6.4; Cl 3.21).

Ambos estarão certos.

Firmeza e calor humano, na verdade, não são realmente opostos.[1] Eles podem andar juntos. De fato, devem andar juntos para que os filhos se desenvolvam em âmbito pessoal. O relacionamento entre ambos se percebe melhor num diagrama 2x2 (ver figura 1.3).

Se você trabalhar a firmeza e o calor humano desse modo, descobrirá rapidamente que *preferir* um sem o outro é educação deficiente. Firmeza sem calor humano — quando pais são autoritários — leva em última análise à rebelião. Calor humano sem firmeza — quando pais são indulgentes — produz em última análise fedelhos mimados e cheios de exigências.

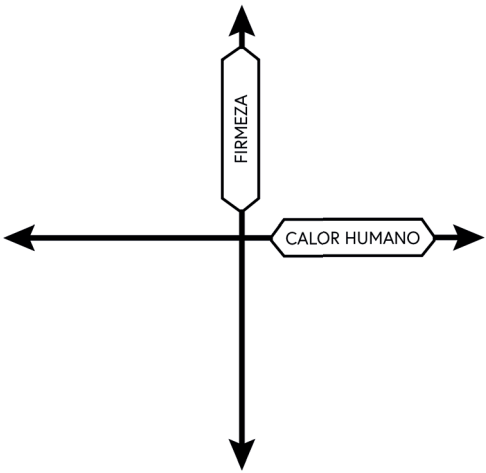

Figura 1.3

Na realidade, não existem apenas duas maneiras de ser um pai ou uma mãe ruim; existem três! O pior tipo de pais não são nem os calorosos nem os firmes, mas os ausentes (ver figura 1.4).

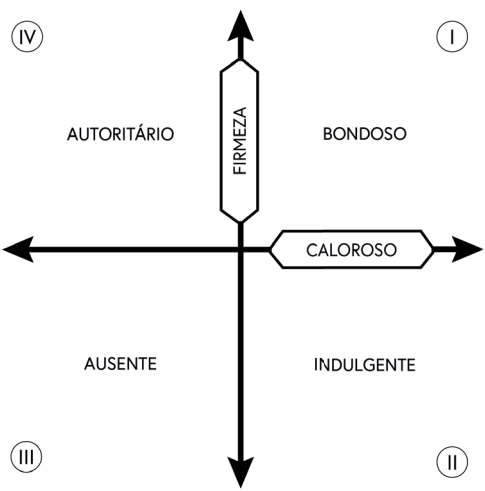

Figura 1.4

Existe, sim, uma diferença entre ser "legal" e ser bondoso.[2] Pais que são "legais" vão até a parte inferior no lado direito do diagrama, acomodando-se a sentimentos fáceis e calorosos sem nunca estabelecerem expectativas elevadas. Mas pais que são bondosos conseguem ser claros e firmes enquanto são também carinhosos e afetuosos. Os psicólogos os chamam de pais *com autoridade* em vez de *autoritários*. Os melhores pais, no diagrama 2x2, são ao que estão no alto e à direita no gráfico.

Há ainda algumas outras percepções ocultas nesse simples diagrama. Numerei os quadrantes no diagrama usando numerais romanos, de I a IV, começando pelo quadrante ideal na parte superior à direita, continuando no sentido horário — na mesma ordem e direção os consideraremos nos próximos quatro capítulos.[3] Considere a linha que desce do alto à esquerda até a parte inferior à direita, do quadrante IV (Autoritário) ao quadrante II (Indulgente), da firmeza sem calor humano ao calor humano sem firmeza.

Lembra-se de nossa linha unidimensional com o calor humano à esquerda e a firmeza à direita? Na prática, se esse é seu modelo mental de criação de filhos, você acabará por se tornar ou autoritário (firmeza sem calor humano) ou indulgente (calor humano sem firmeza). A linha que vai de IV a II descreve a linha da *falsa escolha*, o mundo no qual frequentemente pensamos viver (ver figura 1.5). Ela descreve nosso modo automático de pensar a respeito de como o mundo funciona — pelo menos quando estamos limitados a um modelo unidimensional.

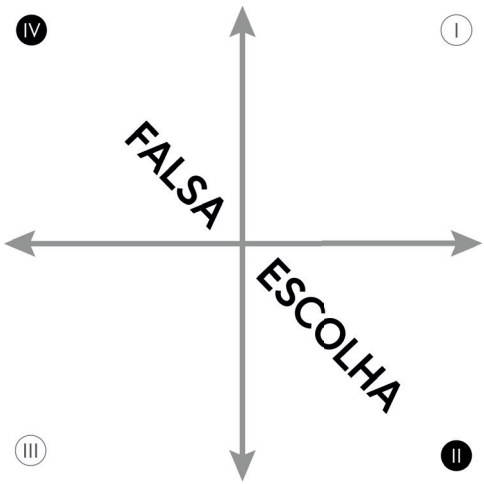

Figura 1.5

Uma vez que nem a criação autoritária nem a criação indulgente produz resultados saudáveis, elas acabam por causar e reforçar uma a outra. Ser criado num lar autoritário pode muito bem fazer de você, como reação, um pai ou mãe indulgente. Ser criado num ambiente indulgente poderá fazer de você hiperzeloso em relação à rigidez quando seus próprios filhos aparecerem. Muito daquilo que é disfuncional em nossa vida surge da oscilação na linha dessa falsa opção, nunca percebendo que existe um outro caminho.

Mais uma observação: Há um quadrante no diagrama que realmente é o pior de todos. É o quadrante III (Ausente), o quadrante da retirada e não envolvimento. Pais autoritários podem não suprir a necessidade de afetividade de seus filhos, mas pelo menos oferecem estrutura. Pais indulgentes podem não oferecer estrutura, mas pelo menos criam um ambiente de acolhimento e afirmação. No entanto, pais ausentes deixam dois vazios na vida de seus filhos, não apenas um. Existe algo

no quadrante do Ausente que é peculiarmente danoso — o oposto total do quadrante do Bondoso.

Poderíamos resumir da seguinte forma: Tendemos a pensar que devemos levar a vida ao longo da linha da falsa escolha, a linha IV–II. Contudo, a questão mais profunda de nossa vida é como podemos nos mover cada vez mais para longe do quadrante III (Ausente) e mais e mais perto do quadrante I (Bondoso). O eixo III–I é o mais importante de todos: é aquele que conduz da vida que não vale a pena viver para a vida que realmente é vida. E isso, em resumo, é o assunto deste livro.

O paradoxo de Jesus

Nenhum ser humano incorporou o desenvolvimento pessoal mais do que Jesus de Nazaré. Nenhuma vida humana (muito menos a morte) jamais trouxe maior desenvolvimento para os outros. E é precisamente por isso que nenhuma outra vida coloca em foco, de maneira mais clara, o paradoxo do desenvolvimento pessoal. Vemos na vida de Jesus dois padrões distintos que podem parecer impossíveis de reconciliar.

Por um lado, considere os aspectos que dão início e fim a sua vida na terra. Ele nasceu como criança e era totalmente dependente, como qualquer outro ser humano. Terminou sua vida numa cruz romana, foi sepultado e desceu ao mundo dos mortos. Um dos textos cristãos mais antigos expõe isso do seguinte modo:

> Embora sendo Deus,
> não considerou que ser igual a Deus
> fosse algo a que devesse se apegar.
> Em vez disso, esvaziou a si mesmo;
> assumiu a posição de escravo
> e nasceu como ser humano.

> Quando veio em forma humana,
> humilhou-se e foi obediente até a morte,
> e morte de cruz.
>
> Filipenses 2.6-8

Por outro lado, o ministério público de Jesus foi bem-sucedido por três anos e seus efeitos ecoam pela cultura através de história e por todo o mundo — a vida mais importante que já viveu. Os cristãos creem que esse mesmo Filho do Homem e Filho de Deus está agora assentado à direita do Pai, e é o verdadeiro Senhor do mundo e aquele que envia seu Espírito de poder a fim de equipar-nos para viver sua vida no mundo. Citando a linha seguinte do texto antigo já mencionado: "Por isso Deus o elevou ao lugar de mais alta honra e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes" (Fp 2.9). De fato, o próprio Jesus disse a seus seguidores que eles fariam coisas até maiores do que ele mesmo tinha feito (Jo 14.12).

Como é possível que esses dois chamados coexistam — o chamado à humildade e o chamado à coragem, à morte e à vida, à entrega àquilo que o mundo tem de pior e a reinar com Cristo sobre o mundo?

Mas como é possível que esses dois chamados coexistam — o chamado à humildade e o chamado à coragem, à morte e à vida, à entrega àquilo que o mundo tem de pior e a reinar com Cristo sobre o mundo?

O que isso significa para aqueles de nós que têm algum espaço de escolha e ação, aqueles de nós que receberam privilégio e poder? O que isso significa para aqueles que vivem nos cantos mais cruéis do mundo, em cenários de injustiça e opressão implacáveis? Existe mesmo algum modo de exercer uma

liderança semelhante à de Cristo dentro dos limites de nossas falidas instituições humanas, até o limite de cima (ou de baixo) da própria igreja? Quais seriam as práticas específicas que poderíamos adotar para viver de formas que encarnem a verdadeira imagem e que produzam um desenvolvimento duradouro?

Precisamos encontrar um meio de manter unidas essas duas facetas, aparentemente opostas, da vida de Jesus, um meio de navegar essa complexidade sem sermos engolidos por ela. Isso significa que necessitamos de um diagrama 2x2, é claro.

As dimensões do poder

Tenho certeza de que você já percebeu o que está por vir. As duas dimensões da vida de Jesus, sua vulnerabilidade na dependência e na morte por um lado, sua autoridade em seu ministério terreno e sua exaltação ao céu por outro lado, podem simplesmente parecer alternativas lineares. Exaltação ou humilhação? Ascensão ou crucificação? Milagres de cura, libertação e mesmo a ressurreição, ou "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" O túmulo vazio ou a cruz? O único modo de manter essas coisas unidas é num diagrama 2x2 (ver figura 1.6).

Como que por instinto, alguns de nós se identificarão com a dimensão da "vulnerabilidade", ou até mesmo terão aspirações por ela. Talvez seja a realidade de nossa vida — e é a realidade definitiva de toda vida mortal. Pode ser que a realidade da comunidade ou da família na qual tenhamos nascido nos torne profundamente cônscios dos limites de nosso poder e da precariedade de nossas circunstâncias. Ou, então, desejamos nos identificar com pessoas ou lugares vulneráveis. E é da perspectiva de lugares e de pessoas assim que olhamos para Jesus e vemos vulnerabilidade. Jesus se identificou com os

vulneráveis em seu nascimento, vida e morte. Quer nos identifiquemos com a vulnerabilidade, quer tenhamos aspirações por ela, encontraremos Jesus ali.

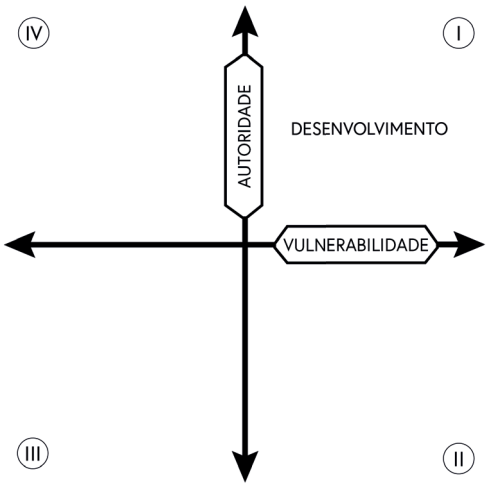

Figura 1.6

Por outro lado, alguns de nós se identificam com a autoridade ou aspiram por ela. As pessoas nos dizem que podemos fazer diferença no mundo; recebemos oportunidades para a criatividade e liderança. Os outros respondem de forma positiva quando sugerimos um plano e ação. Talvez tenhamos investido consideráveis parcelas de tempo e dinheiro (quem sabe o dinheiro de nossos pais) com o objetivo de ganhar autoridade na forma de treinamentos, certificados e cursos. Olhamos para Jesus e vemos autoridade: mesmo aos doze anos no templo, discutindo poderosamente com os escribas; de pé na sinagoga da cidade em que cresceu e anunciando corajosamente que ele próprio era o cumprimento da visão do profeta; confundindo Pilatos e os líderes judeus, até mesmo

quando já estava acorrentado; soprando sobre os discípulos depois da ressurreição e concedendo-lhes seu Espírito, e dizendo-lhes que haviam sido comissionados a sair pelo mundo afora com sua autoridade. Seja qual for o caso, se nos identificamos com a autoridade ou se aspiramos por ela, encontraremos Jesus ali.

Quando nos identificamos com uma ou outra dimensão, é fácil perder a paciência com pessoas que enfatizam aquela que não escolhemos. Eu trabalhei no ministério universitário no *campus* de uma das universidades mais renomadas do país, onde enfatizávamos o chamado do cristão para o trabalho em qualquer nível que fosse, usando privilégios e poder como oportunidade de servir quem era material e espiritualmente pobre. Certo dia, um estudante afro-americano me confrontou. "Quando vim para a faculdade", disse ele com certa frustração, "minha comunidade inteira fez um culto de oração e impôs as mãos sobre mim a fim de me comissionar a ir para Harvard. E agora você quer que eu diga a eles que estou voltando para a vizinhança com o objetivo de trabalhar para um ministério sem fins lucrativos?" A comunidade dele o havia comissionado para exercer autoridade — poder e posição numa cultura em que historicamente isso esteve ausente e onde havia pouca representatividade. Quem era eu para dizer a ele que não devia permanecer nesse caminho?

O que me faltava, àquela altura da vida, era um diagrama 2x2 sobre a concepção de autoridade e vulnerabilidade — a possibilidade de que a jornada do discipulado cristão, e do poder verdadeiro, pudesse envolver não somente o progresso em direção a um ou ao outro, mas em direção aos dois simultaneamente. Tal concepção não iria simplesmente autorizar meu aluno a abandonar sua vulnerabilidade e perseguir o